

UMA ANÁLISE SOBRE O DIÁRIO DE ANNE FRANK E O ENSINO DE HISTÓRIA DO *SHOAH* NO TEMPO PRESENTE

Lucas Borba

Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco. Pesquisador do GEHSCAL – Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina, pela linha de pesquisa História do Tempo Presente – HTP-UPE. Bolsista de Iniciação Científica da FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, com o projeto de pesquisa Grécia no Tempo Presente: Crise Financeira e Ascensão da Extrema Direita. Incluído nos projetos de pesquisa de Ensino de História do *Shoah*: Problemas e Desafios do Tempo Presente, e Regimes Autoritários e o Ensino dos Traumas Coletivos, ambos também coordenados pelo Professor Doutor Karl Schurster.

E-mail: borbademiranda@gmail.com

Jairo Fernandes da Silva Júnior

Acadêmico do Curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco. Pesquisador do GEHSCAL – Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina, na linha de pesquisa História do Tempo Presente (HTP-UPE) sob orientação do Prof. Dr. Karl Schurster.

E-mail: jairo.fernandes1994@gmail.com

O ano de 2015 marca 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, e conseqüentemente, a libertação dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas, em sua maioria, judeus. Como nos fala Giorgio Agamben em seu livro *O que resta de Auschwitz*¹, o *Lager* teve como uma de suas características a transcendência do indivíduo, o prisioneiro judeu, transformado em *muslim*, uma pessoa que já não possuía mais vida, uma massa uniforme de seres humanos.² Em meio a este cenário, duas fontes essenciais para o estudo do *Shoah*³ demoraram demasiadamente para vir a tona. Essas fontes são o *testemunho* e o *diário*. Os testemunhos sobre a vida no *lager* demoraram um pouco mais para vir à tona devido à proximidade dos fatos que marcava os sobreviventes. Falar sobre a própria vida dentro do campo de concentração não era uma tarefa fácil para os sobreviventes do extermínio devido à grande dimensão do trauma vivenciados durante aqueles anos.

¹ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz?*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2008.

² Idem. P. 51.

³ Nome dado pela Historiografia Israelense para o extermínio dos judeus pelo regime Nazista, que é conhecido popularmente como *Holocausto*.

Sabemos que a *Endlösung*, a Solução Final arquitetada pelos nazistas para o extermínio dos judeus da Europa, foi levada à cabo a partir de 1942, durando até os primeiros meses de 1945, quando a guerra viria a terminar. Até o ano de início de tal operação, aproximadamente 80% do total de judeus que morreram durante a guerra ainda estavam em vida. Nesse sentido, podemos afirmar que a máquina genocida que operou durante a guerra teve seu ápice entre os anos de 1942 e 1945, e é durante esses anos que trabalharemos mais precisamente aqui, abordando o diário de Anne Frank em seu conteúdo, e como um objeto do ensino de História do *Shoah* nos Institutos Casa de Anne Frank.

O antijudaísmo na Europa no Tempo Presente

Como referido anteriormente, 2015 é o ano que se comemora 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e da libertação dos Campos de Concentração. Auschwitz, o campo em que o maior número de judeus foi morto durante a guerra, se tornou o símbolo do *Shoah*. Nesse sentido, o campo foi local de várias comemorações em 2015, em que foram reunidos cerca de 300 sobreviventes do campo, e vários chefes de Estado.⁴ Além de relembrar o trauma, tal evento também tem a intenção de despertar um sentimento na sociedade de não deixar que isso se repita. Como alerta Ronald Lauder, presidente do Congresso Judaico Mundial, “novamente, os jovens judeus estão com medo de vestir a quipá pelas ruas de Paris, Budapeste, Londres e até de Berlim.”⁵

A ressurgência do fascismo e do antijudaísmo na Europa é um assunto recorrente na atualidade. Vários grupos que pregam o antijudaísmo estão cada vez mais a incitar o ódio contra os judeus. “Foram ouvidos seis disparos num primeiro momento, depois outros seis. Posteriormente, um automóvel esportivo que havia parado na porta do museu disparou a toda velocidade”. Estas são palavras de Marc Weberman, funcionário de uma imobiliária que se situa em frente ao Museu Judaico de Bruxelas. No dia 24 de maio de 2014, a cidade de Bruxelas, capital da Bélgica presenciou um atentado contra um museu judaico desta cidade, que tirou a vida de quatro pessoas. Em torno das 13h, uma pessoa invadiu o museu e abriu fogo a esmo contra vários populares

⁴ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/sobreviventes-retornam-auschwitz-70-anos-apos-fim-do-horror-nazista-15159880>. Acesso em: 21/11/2015.

⁵ Idem.

que ali estavam. Logo após o ato de terror, a ministra do interior, Joëlle Milquet, veio a afirmar que todas as suspeitas indicavam um ataque antissemita⁶.

Este foi o atentado antijudaico de maior expressão na Bélgica desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Viviane Teitelbaum, deputada do parlamento de Bruxelas e judia, afirma que as políticas contra o antijudaísmo não foram suficientes para apagar esse pensamento das mentalidades dos indivíduos desde a queda dos regimes fascistas na Europa. Desta forma, certo sentimento antijudaico ainda vem a predominar em larga escala entre grupos extremistas não só na Bélgica, mais em parte da Europa. Joël Rubinfeld, presidente da Liga Belga Contra o Antissemitismo, veio a declarar que o acontecimento era previsível, devido ao clima de antissemitismo em que se encontrava no país, bem como em alguns outros países do continente europeu⁷, especialmente por conta das ações do Estado de Israel no conflito do Oriente Médio.

O suspeito autor do atentado contra o museu é um *jihadista* francês de 29 anos chamado Mehdi Nemmouche. Este, segundo o órgão de fiscalização antiterrorista de Paris, teve experiência de guerra na Síria, onde combateu em 2013. Também veio a ser condenado na França sete vezes e preso em cinco destas ocasiões, por roubos e outras pequenas infrações, o que resultou num total de sete anos de reclusão. Na prisão, Nemmouche fazia propaganda antissemita, e frequentemente chamava outros presos para orar, lendo o Corão. Sua prisão ocorreu em território francês, sendo detido após chegar na França num trem. Nas suas bagagens foi encontrado um fuzil do tipo AK-47, um revólver, munição em demasia e um lenço branco com inscrições do grupo fundamentalista islâmico Estado Islâmico do Iraque e Levante⁸. Do total de judeus residentes na Europa, 26% declararam ter sofrido algum tipo de injúria no que se refere à sua religião desde o início de 2014. 4% dos entrevistados pela Agência Europeia para os Direitos Humanos Fundamentais, disseram terem sido agredidos nesses últimos meses, por causa da condição de serem judeus. Essas pessoas estão a pedir uma maior vigilância contra o antissemitismo presente no continente europeu atualmente, após o

⁶ Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/24/actualidad/1400945428_013155.html. Acesso em: 21/11/2015.

⁷ Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/24/actualidad/1400945428_013155.html. Acesso em: 21/11/2015.

⁸ Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/06/01/actualidad/1401607194_479473.html. Acesso em: 21/11/2015.

atentado contra o Museu Judaico de Bruxelas. Os ataques crescentes contra sinagogas e comunidades judaicas, bem como no caso de Bruxelas, ocorreram às vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, onde partidos de extrema direita vieram a difundir abertamente seus ideais antissemitas. Podemos incluir nessa gama de partidos o húngaro Jobbik e o grego Aurora Dourada⁹.

O *Front National*, na França, ainda que tenha se distanciado da política veemente antissemita de Jean-Marie Le Pen, está a ser administrado por sua filha, Marine Le Pen, que procura se distanciar do antijudaísmo, mas ao mesmo tempo, com um crescente ideal anti-islâmico. Segundo o Centro Moshe Kantor, da Universidade de Tel Aviv, a França é o país europeu que mais registrou incidentes contra a população judia, o país com o segundo maior número de judeus fora de Israel. O antissemitismo segue sendo uma realidade na sociedade europeia, embora que não seja constante. Embora o problema do anti-islamismo esteja mais presente na agenda política dos partidos de extrema direita na Europa, o antijudaísmo está a crescer, e também deve ser levado em consideração.

A ofensiva do Estado de Israel contra Gaza em 2014, veio a fazer crescer uma onda de antissemitismo pelo continente europeu e também pelo resto do mundo. Manifestações contra o ataque israelense sobre Gaza ocorreram em todo o mundo, inclusive em território israelense. O ano de 2014 foi, entre os últimos três anos, o ano em que um maior número de judeus residentes na Europa, principalmente na França – maior comunidade judia europeia – migraram para o Estado de Israel. A insegurança dessa população foi um dos principais motivos para esta migração. Segundo o Ministério Israelense de Integração, nos primeiros oito meses do ano de 2014, 4.566 judeus residentes na França migraram para Israel, devido às ameaças da população francesa contra judeus.

⁹ Disponível em:

http://sociedad.elpais.com/sociedad/2014/06/05/actualidad/1401978023_851631.html. Acesso em: 21/11/2015.

Em Berlim, capital alemã em que há quase 76 anos Adolf Hitler deu ordem para iniciar o *pogrom* da *Kristallnacht*, a Noite dos Cristais, em que foram depredadas sinagogas e comércios de famílias judias por grande parte dos alemães, a atual chanceler, Angela Merkel veio a público, junto com a comunidade judaica deste país, pedir que a população alemã viesse a ter mais solidariedade e tolerância para com os judeus deste país. Esta foi a primeira vez, após o fim da Segunda Guerra Mundial, que a população judaica alemã se viu forçada a ir às ruas protestar contra o antissemitismo presente na sociedade alemã, que foi posto em prática por palestinos, em protestos contra as ações do Estado de Israel contra Gaza. “Nunca na minha vida havia imaginado que teríamos que voltar a manifestarmos contra o antissemitismo presente na Alemanha. Mas, após as terríveis frases antissemitas que foram ouvidas nas ruas alemãs, foi necessário voltar a fazê-lo”, palavras do presidente do Conselho Central Judeu da Alemanha, Dieter Großman.

Diante de tal cenário, onde o antijudaísmo no velho continente está a crescer vertiginosamente, é necessário uma conscientização maior da sociedade para o problema. O fascismo, o nazismo, em suma, a negação da alteridade, não podem voltar a atingir as proporções que foram atingidas durante as décadas de 1920 a 1940, quando o Fascismo e o Nazismo estiveram no poder na Itália e Alemanha, respectivamente. É para isso que diversas instituições vêm trabalhando, no sentido de não permitir a volta de um evento traumático de grandes proporções. As casas de Anne Frank é um dos exemplos de instituições que estão espalhadas pelo mundo e que realizam um trabalho de conscientização acerca da História do *Shoah*, com o objetivo de que tal evento nunca mais se repita a partir da utilização da pedagogia da memória, a qual consiste em trazer os relatos para problemáticas do presente, sendo este um trabalho de conscientização e reflexão.

As instituições, preservação da Memória, e o Diário de Anne Frank

A casa de Anne Frank, na Holanda, compreende o processo pedagógico através do *Educational programmes for Young people*, o qual tem a intenção de propor programas educativos para escolas ao redor do mundo. Este programa divide-se em 3 grupos de atuação: escola primária, escola secundária e adultos. Nesse sentido, para a concepção educacional brasileira, segundo a LDB/1996, os dois primeiros grupos do citado programa estão inseridos nos primeiro e segundo ciclo da educação básica,

respectivamente. Por outro lado, o Centro Ana Frank, na Argentina, tem como objetivo central refletir a existência de racismo, antissemitismo e atitudes preconceituosas através da imersão de jovens na história da família Frank e o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial através do museu, sobretudo, com a utilização do anexo como forma de realidade.

Preservar a memória de Anne Frank é a missão destas instituições, que possuem projetos paralelos em países ao redor do mundo, a partir das pessoas que são capacitadas a partir de cursos e *workshops*. Os coordenadores do museu têm como objetivo transformar os jovens por meio da pedagogia da memória. Utilizam formatos metodológicos que possibilitam o diálogo entre o que fora relatado pela jovem judia por meio do seu diário, e discussões centrais acerca da conjuntura política contemporânea relacionando os problemas atuais com o passado, geralmente marcado por sucessões de ações preconceituosas e intolerantes. Em alguns países, como a Argentina, as problematizações estão ligadas aos sucessivos governos ditatoriais durante o século XX. Nesse sentido, fazer uma ponte com entre o passado e o presente, possibilitando o diálogo entre os participantes do debate proposto pelas Casas de Anne Frank é o *leitmotiv*, motivo condutor, da proposta.

As ações dos coordenadores do instituto hoje são baseadas nas ideias iniciais do idealizador e fundador da Casa de Anne Frank, o pai da garota, o Sr. Otto Frank, com o objetivo central desse local de memória ser educativo. Nesse sentido, a finalidade é perpassar para jovens o que ocorrera naqueles dias, em especial no anexo que serviu de esconderijo para aquelas famílias, principalmente no contexto geral da guerra, desejando que aquele local fosse um centro de encontros internacionais e diálogos que tivessem como foco a disseminação da história não só de Anne Frank, mas sim, de cada judeu que sobreviveu ou não ao *Shoah*. Nesse sentido, organizadores têm como cerne remontar e contar a história do massacre deflagrado contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial para jovens, através de exposição de imagens, dinâmicas de grupos e outras formas metodológicas.

Com o objetivo de Otto Frank de criar o local onde os jovens se identificassem, foram criadas as *International Youth Conference*. Essas conferências estiveram pautadas em problemáticas do Tempo Presente, as quais demandam discussões e revisitações, possibilitando assim, um espaço para troca de experiências e discussões, formando uma

conscientização política e social nos participantes. Através de dinâmica de grupo, discussões e exposições é montada a conjuntura política e social local, associando com problemáticas para que o fim seja a ativação da memória.

Traçando diretrizes para os projetos que serão desenvolvidos em escolas localizadas nos países que possuem embaixadores participantes, as conferências oferecem autonomia aos embaixadores para perpetuar a memória da jovem judia através do diálogo e da aproximação de mais jovens estudantes. Esses embaixadores são selecionados a partir de capacitações dentro dos próprios museus, os quais oferecem cursos e oportunidades para trabalho como guia.

A adolescência é uma fase que marca o jovem demasiadamente por angústias, incertezas sobre a vida, constituindo-se como um momento difícil. Em situações normais, todos esses elementos que marcam o psicológico do adolescente já são bastante perceptíveis, no gueto, então, essa “angústia adolescente” é acentuada. Não somente na vida no gueto, mas também na vida em, por exemplo, um esconderijo, como foi o caso de Anne Frank, a menina que se tornou ícone da juventude que viveu os anos marcados pela Segunda Guerra Mundial e pela perseguição aos judeus por parte dos nazistas. O diário de Anne Frank é um dos livros mais vendidos do Brasil e do mundo, sendo também um dos mais preferidos entre os jovens, e recentemente, numa pesquisa com alunos da rede estadual de ensino do estado de São Paulo, recebeu a nota mais alta entre uma lista de 50 livros.¹⁰ Nesse sentido, o diário de Anne Frank se constitui como uma importante ferramenta para o ensino de História do *Shoah*, tendo em vista o alcance da sua difusão e a repercussão que possui no mundo inteiro, também com as instituições denominadas *Casas de Anne Frank*, destinadas a contar a história da jovem alemã e utilizar esse exemplo para a conscientização das pessoas acerca do que foi o holocausto.

A história de Anne é amplamente divulgada e conhecida ao redor do mundo. Filha de pais de classe média, Anne se mudou da Alemanha para a Holanda em 1934 devido às perseguições dos nazistas aos judeus. Já com algumas políticas de caráter antijudaico, que visavam o isolamento dos judeus, a família Frank decide se mudar para Amsterdã fugindo da perseguição. Com a invasão da Holanda pela Alemanha em 1940,

¹⁰ Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/alunos-da-rede-estadual-elegem-o-diario-de-anne-frank-como-livro-preferido>. Acesso em: 02/11/2015.

as perseguições ao povo judeu foram iniciadas, e em 1942, a família Frank decide esconder-se no chamado “anexo” do prédio em que o pai de Anne, Otto Frank, possuía uma empresa chamada Opekta Werks, uma empresa do gênero alimentício.

Anne ganha o que viria a ser o seu diário no seu aniversário de 13 anos, em 12 de junho de 1942. No mesmo dia inicia seus escritos, e deixa bem claro que não possuía amizades, por isso o papel, como ela se refere, seria seu “amigo”, e o diário em “quem” ela mais confiava. “*Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e de ajuda*”¹¹, escreve Anne dirigindo-se ao diário, no mesmo dia em que o ganha. Ao longo de seu diário, podemos observar a vida solitária de Anne no esconderijo, bem como as angústias que a acompanhavam durante a fase da adolescência. Anne era judia liberal, portanto, a religião não é um aspecto tão recorrente em seu diário. Ela também não possuía uma boa relação com a sua mãe, e podemos observar no seu diário, diversos episódios em que ela não reconhece sua mãe como tal, e se aproxima muito mais do seu pai no que diz respeito ao lado afetivo e emocional. No fundo, Anne não se identifica com a sua mãe. A vida junto à família Van Daan gera diversos problemas de convivência, em meio ao clima claustrofóbico do esconderijo no anexo do prédio.

A vida no anexo não era fácil, e todos os momentos do dia, bem como todas as atividades tinham que ser regradas, já que ninguém mais poderia saber da permanência daquelas pessoas no esconderijo. Abrir uma cortina e olhar pela janela durante o dia era uma coisa impensável e passível de punição. Em meio a isso, a juventude de uma menina é minada, fazendo com que as simples alegrias que uma jovem nessa idade poderia ter serem impossíveis de se realizar.

Reflexões sobre o extermínio: para que nunca mais se repita

O *Shoah* representa, para além da história do povo judeu, a história da humanidade, na medida em que estabelece uma nova cosmovisão do mundo no pós-guerra. Ainda assim, o ensino de história do holocausto, como comumente chamado, no Brasil está, por muitas vezes, ausente dos conteúdos que devem ser abordados pelo professor em sala de aula, quando não, restringe-se a ser uma nota no conteúdo da Segunda Guerra Mundial.

¹¹ FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015.

Muitas são as instituições, espelhadas pelo mundo, que se propõe a ensinar a história do *Shoah*, a citar, a já referida Casa de Anne Frank, presente em diferentes países, o Yad Vashem, museu instituído como responsável pela memória do *Shoah* pelo Estado de Israel, o museu de Washington, nos Estados Unidos, e, ainda a marcha da vida polonesa. No Brasil, o ensino de história do *Shoah* tornou-se obrigatório em municípios de alguns Estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Com diferentes metodologias e filosofias de ensino, essas instituições abrem espaço para a disputa pela legitimidade do ensino de História do *Shoah*.

Utilizar-se de diários como mecanismo de ensino nos possibilita abarcar tanto o processo histórico e conceitos fundamentais que norteiam a história do *Shoah*, como também, possibilita ao professor tratar questões de seu tempo presente. Como já referido aqui, a história do *Shoah* se coloca como a história de toda a humanidade, sendo necessário, portanto, revisitar esse espaço de memória dentro de sala de aula. As condições as quais os judeus, e outras minorias como os ciganos, homossexuais e comunistas, estavam expostos, a perpetração do ódio por pessoas comuns, a supressão de direitos democráticos, são alguns dos temas que podem ser tratados ao se apropriar do diário como objeto de ensino.

Para além do processo histórico estabelecido no ensino, faz-se necessário abordar as manifestações de ódio que, por vezes, demonstrassem corriqueiras em nossa sociedade do presente. Em estudo comparativo da extrema direita na internet entre o Brasil e a Argentina, o historiador Dilton Maynard, cita dois exemplos que corroboram essa afirmativa. Um na Argentina, em 1995, quando Cláudio Salgueiro foi hospitalizado vítima de cabeças raspadas, que se aproximaram e o insultaram como “*Judío de mierda*”, juízes argentinos considerou a suspensão da pena dos culpados com a justificativa de que não se tratava de ataque de cunho antisemita. Outro no Brasil, no ano de 2005, três jovens judeus foram encurralados por oito cabeças raspadas, na casa em que foram encontrados alguns dos agressores “foram recolhidos livros, bandeiras, cartazes e CD’s de exaltação ao nazismo”.¹²

¹²MAYNARD, Dilton C. S. Caminhos eletrônicos da intolerância: Uma história comparada sobre o Brasil, a Argentina e a extrema direita na internet (1996-2007). IN: SILVA, Francisco C. T; LAPSKY, Igor; Schurster, Karl. **Instituições na América do Sul: Caminhos da Integração**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

Nesse sentido, o professor, para além de transmitir saberes, está imbuído da tarefa de construir em sala de aula valores democráticos e éticos. Desconstruir as tantas formas de preconceitos que se mostram alastradas em nossa sociedade, bem como, ensinar sobre os traumas gerados nos indivíduos, e grupos, que foram vítimas do ódio, da não aceitação das diferenças culturais, e da negação da alteridade também são tarefas em que o professor está encarregado. Mais do que transmitir, construir esse saberes significa também negar as condições que possibilitam o retorno do fascismo, não em seu aspecto e dimensão semelhante à primeira metade do século XX, mas de características que conduzam a micro fascismos encontradas em muitas das instituições do estado e sociedade.

Como diz Theodor Adorno, Auschwitz não foi simplesmente o reflexo da barbárie da humanidade, foi a regressão. Como o próprio enfatiza, Auschwitz foi a regressão maior do progresso do homem. Nesse sentido, o axioma kantiano de que a humanidade estaria em um progresso constante pode ser questionado, como é feito por Adorno e Max Horkheimer no livro *A dialética do Esclarecimento*. As duas guerras mundiais que ocorreram no século XX são vistas como a “decadência” do ocidente, que foi acentuada com a Segunda Guerra Mundial e o extermínio dos judeus europeus durante o *Shoah*. Devemos criar condições na sociedade para que tal regressão da humanidade jamais seja possível, fazer com que a negação da alteridade seja eliminada.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995.

_____. **Ensaio sobre psicologia social e Psicanálise**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

_____; HORKHEIMER, Max. **A dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2008.

BAUER, Yehuda. **Reflexiones sobre el Holocausto**. Nativ Ediciones; Jerusalém, 2013

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015.

GUTMAN, Israel. **Holocausto y Memoria**. Yad Vashem; Jerusalém, 2003

INGRAO, Christian. **Crer e Destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS Nazista.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2015.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

SCHURSTER, Karl; ET AL. **Velhas e Novas Direitas: a atualidade de uma polêmica.** Recife: Edupe, 2014.